

As fazendas do Vale do Paraíba

O começo de uma caminhada

Dora Alcântara

Convidada, em 1971, a lecionar na Faculdade de Arquitetura de Barra do Piraí, Fundação Educacional Rosemar Pimentel¹, deparei com o panorama daquela região – Vale do Paraíba do Sul – com sua vegetação empobrecida pelas antigas plantações de café e povoada de fazendas que resistiram à decadência daquela produção.

Poucas eram as que se reanimavam com a nova forma econômica – criação de gado – e dentre estas, muito pequeno era o número daquelas cujas sedes haviam sido recuperadas com sensibilidade, guardando os traços típicos da fase próspera.

A compreensão daquele importante momento histórico, das características do desenvolvimento da região, bem como dos novos horizontes que se abriam e das respostas arquitetônicas que deveriam ser dadas, refletindo uma tão boa cepa, era, sem dúvida, a vocação de uma disciplina como a de Arquitetura no Brasil, naquela unidade de ensino superior, já que o papel dessa disciplina é, justamente, desenvolver a sensibilidade dos futuros arquitetos relativamente à herança arquitetônica que possuímos.

Sem copiá-la, criando pastiches, de alguma forma, é desejável que ela esteja presente em sua futura obra, embora expressa em linguagem atualizada; essa disciplina é também o embasamento para aqueles que optam pelo trato – conservação e restauração – desse patrimônio arquitetônico herdado, direcionando, então, a sensibilidade na interpretação do espírito de outra época, muitas vezes com a difícil tarefa de adaptá-lo a novas funções, sem prejuízo de seus traços essenciais.

A busca dessa personalidade regional também foi feita nos centros urbanos, maiores e menores. Mas o principal enfoque foi mesmo a arquitetura rural, mais representativa nesse contexto.

Ideal teria sido, como primeiro estágio, um fichamento sumário de todas as fazendas de uma área pré-definida, para o estabelecimento dos critérios de seleção; o que não foi possível por tratar-se de trabalho curricular, sem qualquer apoio financeiro. Um critério de prioridade elegeu as fazendas cujas sedes eram exemplares arquitetônicos significativos, possuidoras de proprietários que compreendiam e permitiam esse trabalho.

¹OBS: As imagens iconográficas e parte das fotográficas utilizadas para ilustrar este texto integram o Acervo do INEPAC e foram produzidas pelos alunos da FABP / FERP, sob a coordenação de Dora Alcântara

A leitura de autores sobre as florestas que cobriam essa região levavam-nos a imaginá-las, em sua totalidade, a partir de pequenas áreas que ainda mantinham a cobertura vegetal de origem ou pouco modificada, em alguns pontos mais elevados das colinas. Com Stanley J. Stein, acompanhávamos a derrubada das matas que cederiam o terreno ao plantio do café: depois de uma escolha, baseada em métodos pouco científicos, “... a derrubada começava. A submata e os cipós retrançados eram cortados com foices para abrir caminho aos machadeiros que vinham atrás.” As árvores iam sendo cortadas parcialmente até que uma delas, de grande porte e situada em ponto mais alto, ao ser derrubada, arrastava todas as outras, entrelaçadas pelos cipós. “A grande árvore no alto derrubava tudo”. O ruído, como o de um trovão, era ouvido a quilômetros de distância.

A madeira extraída era utilizada na estrutura das construções, nos forros das casas, nos soalhos de tabuado corrido, no mobiliário; também na cozinha como lenha e, eventualmente, nos fornos de engenhos com produção secundária de açúcar e aguardente.

A partir dos estudos desse historiador, procuramos identificar o que restava das sedes das fazendas, por ele descritas como “*quadriláteros funcionais*”: “a casa de vivenda das pessoas livres”, parte de um quadrilátero, ao redor do qual “se alinhavam as senzalas, as tulhas e os armazéns; os paióis, os ranchos de tropas, as estrebarias e os chiqueiros”. O centro desse quadrilátero era ocupado pelo terreiro de café.



Fazenda Campo Alegre. Valença. Acervo Ferrez, IMS.



Fazenda Campo Alegre. Valença. Acervo Ferrez, IMS



Mapa das Fazendas Campo Alegre e Chacrinha (recorte).
Acervo Fazenda Campo Alegre, Valença.



Fazenda Feliz Remanso. Barra do Pirai, década de 1970. Acervo do INEPAC.

Na medida em que íamos conhecendo um número maior dessas fazendas, alguns dados da história regional se evidenciavam; por exemplo, a presença de um contingente mineiro, outro paulista e de portugueses vindos diretamente da metrópole para essa região.

Sem dúvida, os antigos caminhos que levavam às Gerais, com a involução do ciclo do ouro, foram depois percorridos em sentido inverso. Algumas sedes rurais que plantavam cana-de-açúcar e forneciam seu produto, especialmente sob forma de aguardente, para as tropas de mineiros, transformaram-se em sedes de fazendas de café; tendo esta como finalidade primeira, surgiu a maior parte.

Como proposta arquitetônica, são fazendas mineiras que guardam, nas técnicas construtivas, bem como no tratamento espacial e no das fachadas, as particularidades da arquitetura de origem: as paredes de pau a pique caiadas, esteios aparentes pintados, assim como vergas em arco abatido, e a ostentação do madeiramento do longo beiral.

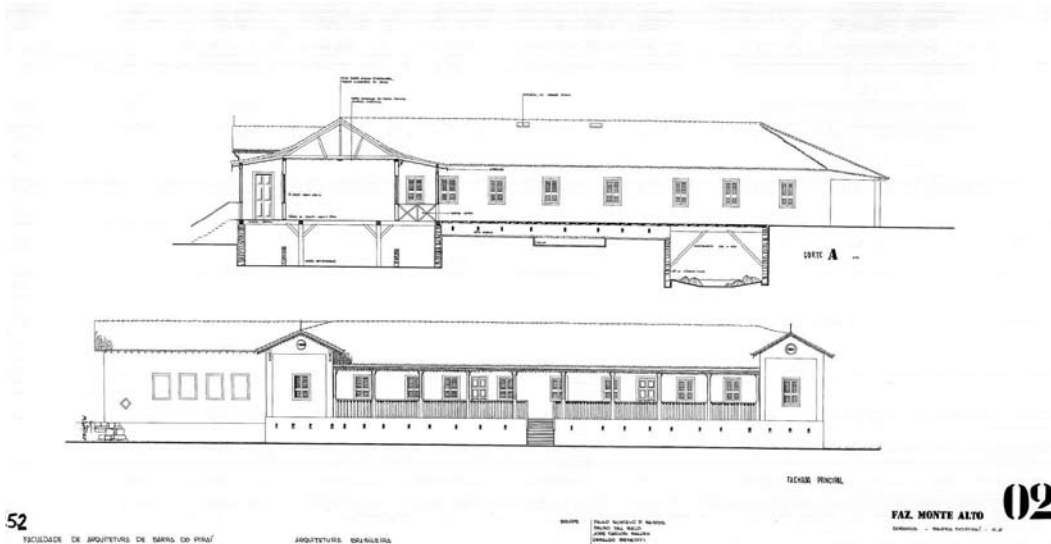


Fazenda Conceição, Barra Mansa. década de 1970. Acervo do INEPAC.

A casa térrea, com alpendre central ladeado por dois corpos fechados, partido típico da casa bandeirista, está também presente com suas variantes, acusando a presença paulista no Médio Vale. No final do período, o avarandado muito menos sóbrio do que na casa bandeirista, situava-se entre dois pequenos chalés, como na Fazenda Monte Alto (Barra do Pirai) ou, de forma ainda mais expressiva, na Fazenda Santa Luiza (Rio das Flores).



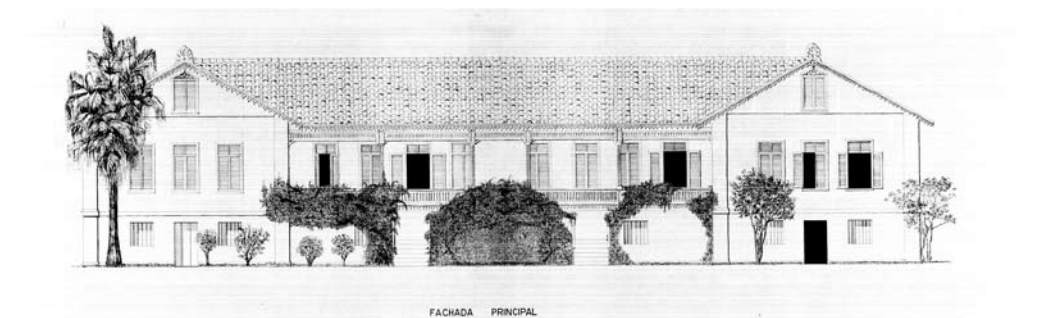
Fazenda Monte Alto. Barra do Pirai, década de 1970. Acervo do INEPAC.



Fazenda Monte Alto. Barra do Pirai, década de 1970. Acervo do INEPAC.



Fazenda Santa Luiza. Rio das Flores, década de 1970. Acervo do INEPAC.



FUNDAÇÃO EDUCACIONAL ROSEMAR PIMENTEL FACULDADE DE ARQUITETURA DE BARRA DO PIRAI	ARQUITETURA NO BRASIL - 1974	FACHADA SANTA LUÍZA FACHADA	1:80	ESCALA: 1:80 DATA: 1974 PROJETO: ROSEMAR PIMENTEL COORDENADOR: ROSEMAR PIMENTEL COLABORADORES: ROSEMAR PIMENTEL LOCAL: BARRA DO PIRAI, RJ
---	------------------------------	--------------------------------	------	--

Fazenda Santa Luiza. Rio das Flores, década de 1970. Acervo do INEPAC.

Não diferem muito das fazendas de brasileiros, as de portugueses. Mas uma taipa de mão, tratada de maneira diferente do já nacionalizado pau a pique, bem como a presença de paiol, armado de forma idêntica a um sequeiro, revelam o “sotaque” português.

Nota-se, também, que os alpendres avarandados no pavimento superior são, muitas vezes, acréscimos feitos à fachada fronteira ou à lateral; a água de cobertura é, nesses casos, independente da principal. O acesso por escada é externo.

Esse tipo apresenta aspecto semelhante ao de casas portuguesas, da Beira Alta para o norte do país. As varandas fronteiras ou com muxarabis, nas casas urbanas da metrópole, como nas do Brasil, teriam ido aos poucos refugiar-se nas fachadas posteriores e, mais tarde, foram envidraçadas; o mesmo ocorreria, a seguir, nas residências rurais.

Comportamento excepcional é o de algumas varandas em Trás-os-Montes (região nordeste de Portugal), onde são dianteiras e envidraçadas, como também ocorre na Fazenda de São Luís da Boa Sorte, no município brasileiro de Vassouras.

Numa fase anterior à Revolução Industrial, tendo em vista o poder econômico desempenhado pelas atividades agropecuárias, na Europa, de um modo geral, as grandes sedes rurais serviam com modelo para as construções urbanas de maior porte. No século XIX brasileiro, embora a base econômica fosse a produção cafeeira, nota-se uma inversão na influência dos modelos arquitetônicos: com frequência, encontramos a casa de vivenda com uma planta em “L”, partido recorrente nas áreas urbanas onde os lotes de terrenos têm dimensões menores na testada e maior profundidade. Outras vezes, como ocorre em casarões urbanos, uma planta em “U” mantém a tradição barroca, enquanto que outras, fechando o pátio interno, revelam a introdução do neoclássico.

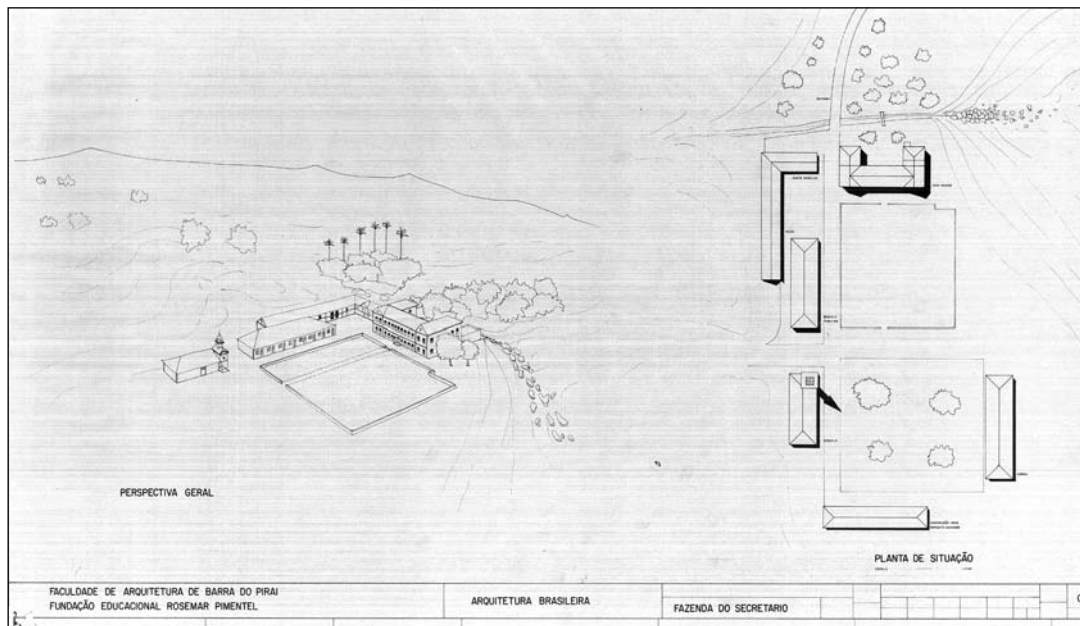
A presença de formas neoclássicas, por sua vez, significa a preocupação dos proprietários em expressar sua vinculação com a Corte. Nesse sentido, Nestor Goulart Reis F^o nos fala do significado do Neoclássico e sua *“versão provinciana, simplificada, feita por escravos, exteriorizando nos detalhes as ligações dos proprietários com o poder central”*. Estes, *“com a instalação da Corte portuguesa no Rio de Janeiro e, sobretudo após a Independência... passaram a assumir as responsabilidades diretas da expansão europeia, nesta área tropical.”*



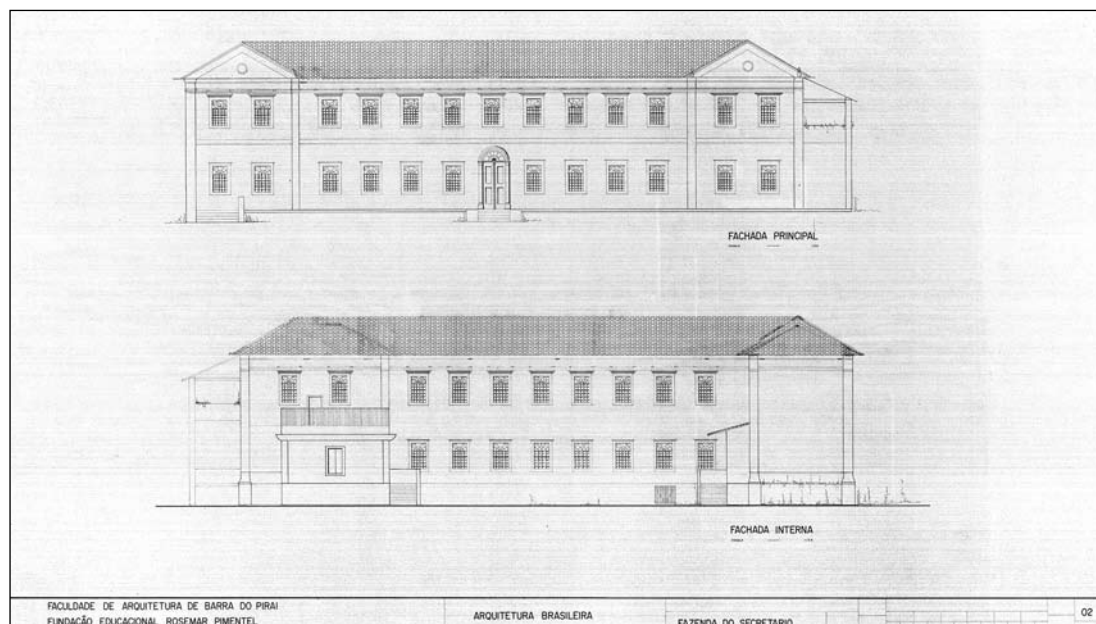
Fazenda Rio das Pedras, antes Barra Mansa, década de 1970, atual Quatis. Acervo do INEPAC.



Fazenda Rio das Pedras, antes Barra Mansa, década de 1970, atual Quatis. Acervo do INEPAC.



Fazenda do Secretário, Valença, década de 1970. Acervo do INEPAC.



Fazenda do Secretário, Valença, década de 1970. Acervo do INEPAC.

“Identificando-se com a Corte, imitando seus costumes, adotando os seus padrões artísticos oficiais, os grandes proprietários rurais do século XIX afirmavam-se como baluartes ou agentes da “civilização” nos trópicos. Ao regressarem a suas províncias, tenderiam, portanto, a reproduzir, nas construções com as quais tivessem ligação, oficiais ou particulares, o tipo de arquitetura e as mesmas soluções artísticas da Corte, que permitissem exteriorizar, em suas áreas de influência, os vínculos entre o poder local – o que significava o seu poder - e o poder central”.

Se as fazendas como Chacrinha e Santa Mônica (Valença) servem de exemplo desse Neoclássico rural, que também observamos em tantas outras de porte equivalente ou menor, feitas à semelhança dos sobradões urbanos – São Fidelis (Paraíba do Sul), S. Sebastião e Santa Maria (Barra do Piraí) – o Neogótico é lembrado em Bela Aliança (Barra do Piraí).

Muito frequentes são as fazendas que, pouco elevadas sobre porões, se caracterizam pela horizontal dominante, com uma série de janelas de vergas retas e, menos frequentemente, em arco pleno (Fazenda Santa Rosa – Rio das Flores). Costumam possuir como eixo de simetria a porta principal que abre sobre patamar; este, atingido por duplo lance de escadas, é abrigado por pequeno copiar, muitas vezes metálico, de fabricação industrial (Fazenda Santa Rosa – Valença).

A empena voltada para frente, tratada como frontão, é mais um aspecto do Neoclássico, que valoriza a “fachada templo” (Fazenda Feliz Remanso – Barra do Piraí).

Surgiria, com variações, a adoção de outra proposta neoclássica: *“fachada principal mais cuidada, com a parte central mais elevada em sobrado e duas alas laterais simétricas, com mais requinte no emprego de esquadrias, melhor acabamento na execução da alvenaria e nos revestimentos”*, na descrição de Joaquim Cardoso. Vários são os exemplos, entre os quais, Fazendas Rio Novo (Paraíba do Sul), Santa Justa (Rio das Flores) e São Bernardino (Nova Iguaçu).

Já o Neoclássico da Fazenda Secretário revela uma erudição maior.

O que se lamenta nessas soluções, mais uma vez diretamente inspiradas nos modelos europeus, com as preocupações clássicas do século XIX, é o abandono das conquistas anteriores em termo de adaptação a nossas condições climáticas de um tal espírito, herdado da cultura portuguesa. As casas de fazenda com avarandados, bem mais adequadas, nem por isso eram menos clássicas, como o evidencia a análise de sedes rurais setecentistas. Bons exemplos são o Engenho d’Água (Jacarepaguá) e o Engenho de Colubandê (São Gonçalo), entre outros.

Sentiu-o mestre Grandjean de Montigny, que parece ter aceitado a sugestão das fazendas dos entornos do Rio de Janeiro, quando planejou a casa de chácara onde residiu, hoje nos terrenos da PUC (Gávea).

O gosto neoclássico da Fazenda Paraíso evidencia a penetração do Ecletismo e o apelo dos ornatos e elementos de ferro aplicados à decoração. Também internamente, existem grandes painéis pintados e demais elementos que correspondem a esse desejo de um enriquecimento ornamental.

A Fazenda de Santa Genoveva possui o aspecto de uma sede municipal; arquitetura francamente urbana. Uma solução bastante comum para essas edificações principais é a escolha de uma pequena elevação para localizá-la. Na parte baixa fica assentado um pavimento não muito profundo, que dá acesso ao segundo, avarandado ou não, criando assim um frontispício de edifício assobradado, embora só parcialmente o seja, pois o segundo estende-se pela parte mais alta da meia-encosta, em que se assenta diretamente.

A escolha de locais com cursos de água era fundamental para as tarefas cafeeiras, além das domésticas: a lavagem do café em tanques apropriados, a roda d’água dos engenhos, escoamento de dejetos etc. O nome de muitas fazendas expressa esse fato: Ribeirão Frio, Córrego Seco etc.; a escolha dos Santos padroeiros era também frequente.

A disposição espacial interna é reveladora de hábitos da sociedade que aí se desenvolveu: uma entrada principal, o salão e, diretamente a ele ligados, os quartos principais; uma sala mais íntima e nova série de quartos. Em alguns casos registra-se a presença de outra entrada para um escritório. Fazendas menos antigas ou internamente alteradas apresentam como uma das primeiras modificações a introdução de espaços de circulação, um ou mais corredores.

A cozinha, espaçosa, ficava próxima à sala íntima. Não existiam banheiros e os testamentos enumeravam bacias e urinóis. Uma das primeiras soluções, muito curiosa, que encontramos para banheiro, também aproveitada para escoamento da água da cozinha, foi a de localizá-los sobre um córrego, na Fazenda Monte Alto. Esta solução foi obtida com a construção de uma estrutura de ponte sobre o córrego e de um “puxado” sobre ela assentado.

Foram encontrados um ou dois casos de banheiras “monumentais”, escavadas em bloco maciço de pedra calcária.

A religiosidade ficou expressa nas capelas que algumas fazendas possuem (possuíam).

Na Fazenda de Sant’Ana da Barra, por exemplo, uma graciosa capelinha prende-se ao alpendre da senzala. Na Fazenda do Secretário, antes de uma alteração, a capela ocupava a ala inteira. Em outras, se encontrava em posição isolada; é o caso da Fazenda de Santa Genoveva (Rio das Flores). A varanda superior, com retábulo na extremidade, foi outra solução encontrada. Algumas fazendas possuem apenas um oratório no salão.

Não tivemos oportunidade de encontrar imagens ou qualquer outro remanescente de antigas alfaias. Em algumas fazendas, no entanto, ainda existiam tachos e demais antigos apetrechos de cozinha, como também ornatos e aparelhos de louça estrangeira.

O gosto pelos jardins veio dar uma nota de maior requinte, acrescentada à presença, já tradicional, das palmeiras imperiais.

Pudemos acompanhar outros progressos e aumento de poder dos “barões do café” que, com o advento da ferrovia, possuíam até mesmo ramais desta para facilitar o escoamento da produção de suas fazendas.



Fazenda Maravilha (do Governo). Paraíba do Sul
Acervo do INEPAC.



Fazenda Cantagalo. Valença.
Acervo do INEPAC.



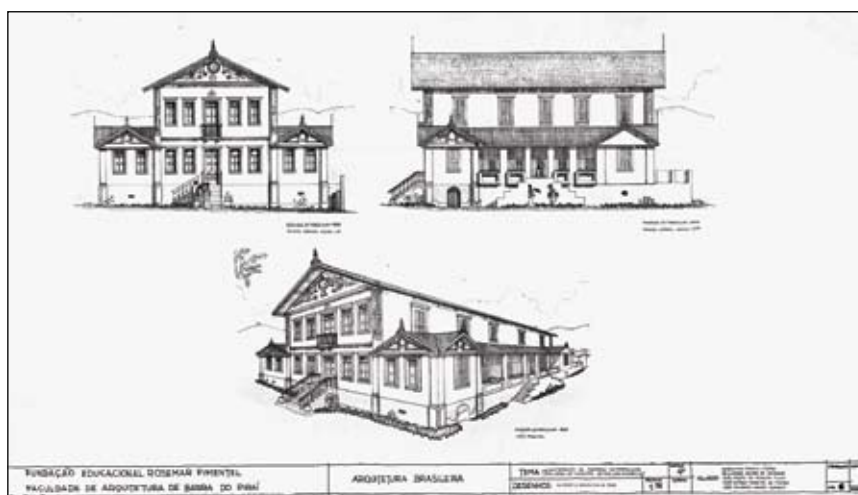
Fazenda Conceição das Palmeiras. Barra Mansa.
Acervo do INEPAC.



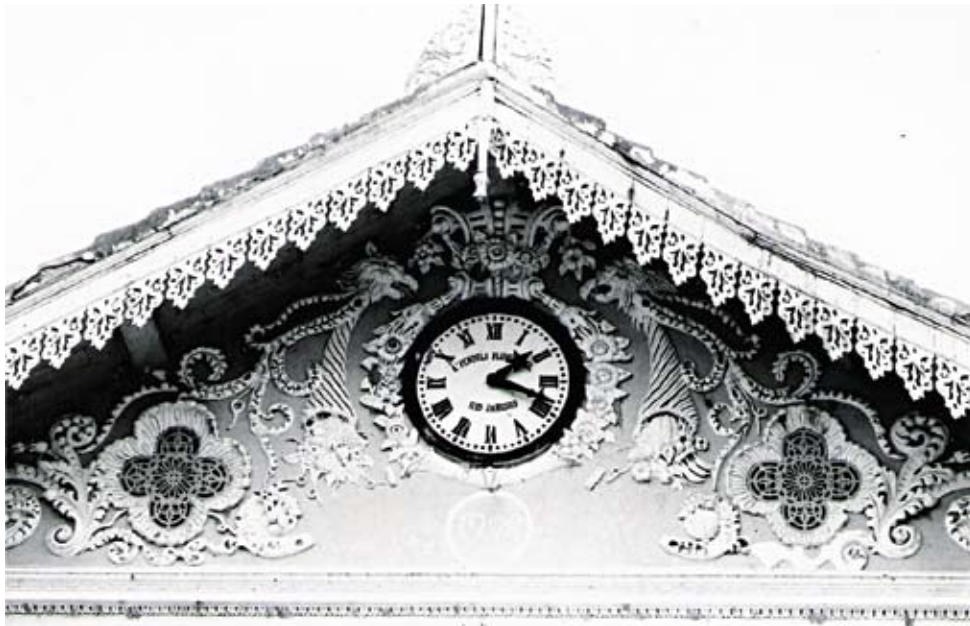
Fazenda Forquilha. Rio das Flores.
Acervo do INEPAC.

O chalé, mencionado a propósito da evolução do esquema da casa bandeirista, foi uma das expressões mais correntes do Romantismo na arquitetura. Teve como elemento de transição do Neoclássico, o frontão triangular. Decorado com estuque ou com recorte de madeira, era protegido por beirais, prolongamento das duas águas do telhado, arrematados por lambrequins de madeira com caprichosos recortes. A Fazenda Forquilha, antiga Fazenda Oriente (Rio das Flores), é um bom exemplo desse gosto romântico.

Este é também um período de maior apuro nos acabamentos: são, então, empregadas, entre materiais importados, as telhas de Marselha; azulejos portugueses e alemães (11 x 11 cm – da fábrica Villeroy & Boch), aplicados em banheiro, cozinhas e também em torno de lavatórios de louça decorados, instalados na sala de refeições. As louças sanitárias são usadas, ou adaptadas nas fazendas mais antigas; fogões de lenha exibem acabamento elaborado. Também o mobiliário é mais farto e de melhor qualidade; surgem os pianos de cauda.



Fazenda Forquilha. Rio das Flores, década de 1970. Acervo do INEPAC



Fazenda Forquilha, detalhe do relógio e dos lambrequins, Rio das Flores, década de 1970. Acervo do INEPAC.



Fazenda Forquilha, vista da fachada principal, Rio das Flores, década de 1970. Acervo do INEPAC

Esse aparente progresso, no entanto, marca o final do período cafeeiro fluminense; fase de transição não só de estilos artísticos, mas da utilização dos mesmos na expressão de uma nova forma de vida, de contatos mais frequentes com a cidade por meio da ferrovia e, acima de tudo, da mudança social que substituía o trabalho escravo pelo assalariado. Esse trabalho, que ficava muito oneroso para os estudantes e, por esse motivo, suspenso, foi ainda assim reivindicado por algumas equipes, que acrescentaram mais alguns exemplares ao conjunto, tal era o entusiasmo que os levantamentos e suas leituras do período áureo da região despertavam.

É gratificante ver que a caminhada prossegue e, assim, alimentar o sonho de ver esse patrimônio devidamente valorizado.

